

Liebich

Uma História de Fé,
Esperança e Amor





Liebich – Uma Família de Fé, Esperança e Amor

Pr. Reginaldo Pires Moreira

O que escrever sobre esta família? Principalmente a respeito deste homem que, se estivesse vivo, comemoraria 100 anos de vida. Tenho convivido com esta família há aproximadamente vinte e sete anos e estou casado com Zidrone há vinte e cinco anos. Tenho visto, sentido e verificado a grandiosidade, lealdade, fidelidade e fé desta família.

Henrique Liebich, em sua história de vida, pode ser comparado a um gigante na fé. Cem anos se passaram, mas sua mensagem de fé naquilo que Deus fez e pode fazer ainda continua viva, através do Lar da Criança Henrique Liebich, em Ijuí e também por meio de tudo aquilo que ensinou e viveu.

Sua tenacidade, após sua conversão a Cristo, para ter um futuro honrado e abençoado, demonstra as qualidades de um homem que lutou, acreditou em Deus e venceu. Mesmo não tendo frequentando escolas, este homem construiu um patrimônio invejável, ao lado da grande baluarte Frieda Liebich, esta mulher que foi um exemplo de fidelidade a Deus e à sua Palavra. Frieda foi e é uma inspiração para a minha vida e, olhando para o passado e o futuro, vejo

na vida deste casal um testemunho vibrante do que Deus pode fazer através de um homem e uma mulher que acreditam verdadeiramente no Deus dos milagres e dos impossíveis.

Quando olho hoje para o Lar da Criança Henrique Liebich, observo a visão deste casal, que deixou uma obra que tem marcado a história da cidade de Ijuí e da Convenção Batista Pioneira do Sul do Brasil. Vejo também o amor, o carinho e a dedicação do Pr. Horst Borkowski e de Betraund, os quais influenciaram vidas para investir nesta instituição. Também sou grato a este casal pela bênção do apoio que recebi, quando casei com Zidrone, investindo em nosso Ministério na Pioneira. O meu muito obrigado.

Quantas vidas transformadas, quantas pessoas atingidas pela Palavra de Deus, por intermédio do testemunho marcante e vibrante do Lar de Criança Henrique Liebich! Deus é fiel, Deus nunca desampara aqueles que acreditam verdadeiramente nele. Além disso, Deus usou e tem usado este casal, Henrique e Frieda Liebich, para abençoar vidas através do Lar da Criança Henrique Liebich.

Neste ano que, caso Henrique Liebich estivesse vivo completaria seu primei-

ro centenário, queremos agradecer a Deus como família pela vida deste homem que ainda hoje fala, e fala poderosamente, por meio da obra que deixou em Ijuí.

Parabéns, família Liebich, pelo pai e pela mãe que vocês tiveram, pela bênção que foram na vida de vocês; meus parabéns também a todos netos e bisnetos! E registro a minha gratidão a Deus, bem como aos meus cunhados. Quero destacar que também sou grato à minha esposa, Zidrone Liebich Moreira, esta mulher, a qual é um símbolo de uma heroína, mulher de fé, amorosa, amiga e que tem sido um suporte em minha vida.

Também presto meus agradecimentos à Sibila e a Werner, que são bênçãos em minha vida, apoiaram-me quando conheci Zidrone e o fazem até hoje. Como ainda agradeço a Deus por Cristiano Liebich e sua esposa Sibila, aos meus sobrinhos, Alceri Liebich e sua esposa Cláucia, a Amaury Liebich e sua esposa Fabiana, e a Paulo Rodrigues e sua esposa Elaine, que investiram em nossas vidas nos momentos das maiores crises financeiras que passamos, dando apoio ao nosso ministério. Minha gratidão por fazer parte da história da família Liebich. A Deus, toda glória.

Pr. Reginaldo Pires Moreira

Liebich

Uma História de Fé, Esperança e Amor

por Zidrone Liebich Moreira

Casamento de Henrique e Frida Liebich – 1932



Henrique Liebich, meu pai, nasceu no dia 21 de agosto de 1911, na Colônia de Imigrantes de Ijuí (RS), situada na Linha Cinco, hoje Município de Ajuricaba (RS). Uma vida marcada por um Deus que tudo pode. Aquele que afirmou que: "Operando eu, quem impedirá?" Seu pai, Cristovo Liebich, e sua mãe, Emilia Gruger, fugiram da Rússia para a Polônia. Neste último país, embarcaram em um navio que trazia imigrantes para o Brasil e a Argentina. A família Gruger desembarcou no Brasil em 19 de outubro de 1890. Já os Liebich, seguiram para a Argentina radicando-se em Buenos Aires.

Os Grugers foram assentados pela Comissão de Imigração em Santo Antônio da Patrulha e, de lá, seguiram para o seu destino final: a Colônia de Ijuí na Linha Cinco. Cristovo e Emilia ainda eram crianças, mas, apesar de as famílias terem vindo no mesmo navio, não se conheciam, nem mesmo na Rússia ou na Polônia. Mais tarde, Cristovo, já jovem, começou a trabalhar como viajante nos carretos que traziam alimentos da Argentina para as colônias de imigração do Rio Grande do Sul. Nesta ocasião, então, conheceu a família Gruger e casou-se com Emilia. A vida deles não era fácil, pois Cristovo continuava com as viagens. Eles tive-

ram seus filhos, porém Emilia, sempre sozinha, trabalhava duro na roça para ajudar na sobrevivência da família.

Quando meu pai tinha cinco anos, o Cristovo chegou de viagem muito doente, vindo a falecer. Foi um duro golpe para a família, porque as dificuldades aumentaram sem a presença paterna e todos tiveram que trabalhar bastante e como podiam: capinando, colhendo milho e feijão e até mesmo pisando nas uvas para os imigrantes italianos que faziam vinhos. Foram momentos de grandes dificuldades, mas Deus estava dirigindo a vida daquele que seria uma grande bênção para muitas vidas.

Emilia então resolveu casar-se com Martinho Grubert, que também era viúvo. Assim, a família aumentou, uma vez que se juntaram os filhos dela aos dele, mais os dois filhos que nasceram do consórcio.

Os irmãos de Henrique, meu pai, eram: Teodoro, Rodolfo, Lídia, Rosa, Gustavo, mais Paulo e Ari do segundo casamento de Emilia. Henrique nunca frequentou a escola, nem aprendeu a ler. Ele sabia somente escrever o próprio nome, mas, apesar disso, era muito bom em Matemática e ninguém conseguia passá-lo para trás.

Aos 13 anos de idade, meu pai depositou sua fé em Jesus Cristo. Recebeu a certeza da vida eterna e deixou, a

partir desta data, Cristo conduzir sua vida terrena. Foi batizado no dia 13 de fevereiro de 1924 pelo Pastor Gustavo Henke e filiou-se à Igreja Batista da Linha Dezoito, localizada em Ijuí (RS), hoje Ajuricaba.

Agora contava com a ajuda de Deus Pai, Filho e Espírito Santo. A Palavra de Deus tornou-se viva em sua vida como uma lâmpada para os seus pés e uma luz para o seu caminho. Deus o colocou numa família abençoada e abençoadora: a Igreja de Cristo. A convivência com Deus e a frequência aos cultos, bem como aos estudos bíblicos, fizeram deste grande homem, um homem de fé, o qual acreditava firmemente nas promessas, no poder e na fidelidade de Deus. Uma vida invejável. Quando olho para a vida de meu pai, vejo nele um exemplo de fé a ser imitado nestes dias de hoje, quando as pessoas mercadejam a fé e ficam procurando uma nau segura para acreditar. Glória a Deus por este homem de valor e de tamanha fé, cheio de esperanças e amor.

Meu pai, em sua caminhada terrena, desenvolveu uma grande dependência da direção divina, que o tornou sábio, conforme diz Tiago 3:13: "Quem dentre vós é sábio e entendido? Mostre pelo seu bom trato as suas obras em mansidão de sabedoria.". Este era meu pai! Determinado no trabalho. Orava, buscando de Deus sabedoria para aplicar o dinheiro que ganhava com suor. Ele, de fato, abençoou poderosamente papai e víamos em tudo a mão de Deus a conduzi-lo. Ainda jovem, comprou meia colônia de terra onde montou uma pequena olaria, na qual, tanto as máquinas de amassar o barro, como as de cortar tijolos, eram movidas a cavalo. Com isso, papai sonhava em obter lucros para comprar mais terras e se tornar um agricultor bem-sucedido. Ele era um homem de grande visão. Fico pensando como um homem semi-

-analfabeto tinha tanta intrepidez assim, mas vejo que, por trás dele, estava a mão de Deus a conduzi-lo.

Em 8 de outubro de 1932, casou-se com Frida Reinke, que era bisneta de Kardl Ferdinand Feuerharmel e de Sophia Frederike Caroline Reinke. Segundo os registros do livro de chegada de imigrantes da Polícia Federal do Rio de Janeiro, eles chegaram no dia 1º de setembro de 1881, procedentes da Alemanha. Seguindo viagem para o Porto do Rio Grande (RS), desembarcaram no dia 5 de setembro e, no dia 15 de outubro chegaram com seus nove filhos à Colônia de Imigrantes Formosa em Santa Cruz do Sul, hoje Município de Ferraz, onde já residia Karl Reinke, irmão de Sophia F.C. Reinke, que haviam ingressado na Colônia na imigração anterior.

Como já professavam a fé em Jesus Cristo, como membros de uma Igreja Batista, situada na Alemanha, formaram com outros vizinhos uma comunidade para Estudos Bíblicos e cultos a Deus em sua casa. Em 5 de novembro de 1893, foi organizada a Igreja Batista da hoje Convenção Batista Pioneira do Sul do Brasil.

A filha de Karl F. e Sophia F.C., Feuerharmel Ema Auguste Emilia, casou-se com seu primo, Ricardo Reinke e com ele teve dez filhos, sendo o mais velho Gustavo Reinke. Quando ele tinha 18 anos, seus pais mudaram para Linha Cinco – Ijuí –, onde morava a família Gruger. Lá, Gustavo conheceu Ema Gruger, os dois casaram-se e foram morar em Guarani das Missões, então Município de Santo Ângelo. Ema nasceu no dia em que seus pais desembarcaram no Brasil, no Porto do Rio Grande (RS), e é irmã de Emilia, que se casou com Cristovo Liebich.

Portanto, Henrique e Frieda eram primos. Eles cresceram juntos. Quando se casaram, Frieda era dois anos mais nova do que ele, sendo que Henrique

tinha 21 anos de idade e ela 19 anos. Ele morava na Linha Vinte e Um, onde tinha sua olaria. Ela residia na Linha Dezoito com seus pais, local que hoje pertence ao município de Ajuricaba. Frieda tomou a decisão de seguir a Cristo aos 9 anos, batizando-se na mesma Igreja Batista pelo mesmo pastor de Henrique e no mesmo ano. Ela, no dia 13 de janeiro, e ele, em 10 de fevereiro. Ambos gostavam de ajudar as pessoas e tinham o dom do serviço. Até no dia do seu casamento, Frieda foi tirar leite das vacas de um casal de amigos, porque a esposa tinha tido bebê no dia anterior. Que disposição para servir ao próximo! Não vemos isso nos dias de hoje.

A cerimônia de casamento foi realizada pela manhã, seguida de um almoço. Mas, à tarde, já foram trabalhar na olaria. Papai e mamãe tornaram-se uma dupla exemplar em tudo durante a sua vida conjugal. Um exemplo a ser seguido atualmente. Como louvo a Deus pela vida dos meus pais!

Após o casamento, foram morar em uma casa de tijolos coberta de capim. A casa tinha dois cômodos: um quarto e uma cozinha. O fogão era feito de tijolos com uma chapa de ferro em cima, porém, como eles estavam felizes! Mamãe ganhou de presente de seus pais uma vaca de leite. Juntando todo o seu patrimônio, o casal possuía: meia colônia de terra, a olaria, a casa, uma junta de cavalos, uma junta de bois, a carroça, o arado e uma vaca.

No dia 29 de abril de 1934, chegou a primeira filha: nasceu Naomi, exatamente dois meses depois de haverem vendido a terra da Linha Vinte e Um e comprado novamente a colônia na Linha Dezoito, local onde construíram outra vez uma casa semelhante àquela. Nessa nova terra, começaram a dedicar-se à agricultura, e tiveram o segundo filho, Benjamin, que nasceu em 25 de maio de 1936.

O sonho de comprar mais terras para plantar continuava no coração de papai. Seus cunhados, Reinardo e Alberto, ainda solteiros, também se entusiasmaram com a ideia de comprar terras e, juntos, foram para um lugar chamado Bom Retiro que, na época, pertencia à Santo Ângelo. Esta localidade era uma região de terra fértil e já havia famílias italianas morando ali. Assim, meus pais se aventuraram a vender meia colônia, pois assim poderiam comprar mais terras com a venda.

Com a intenção de investir, papai fez um empréstimo junto aos italianos e comprou mais terras. Construiu um galpão, mudou-se para lá e seus cunhados foram com ele, até conseguirem estabelecer-se no terreno. Dessa forma, um ajudava ao outro. Sempre vi meu pai como um empreendedor de sucesso e o segredo era sua fé e esperança em Deus.

O sogro de papai era um bom carpinteiro: serrava as madeiras, as tábuas para o telhado e construía as casas. Tudo era feito na base de mutirão entre os vizinhos.

Mamãe era uma força ao lado do papai, fazia trabalhos pesados, cuidava dos dois filhos e, mesmo grávida, quando estava me esperando, continuava trabalhando ao lado de papai (que mulher exemplar!). Ela verdadeiramente era a mulher virtuosa de "Provérbios 31" e louvo a Deus ainda hoje pela vida dedicada desta mulher extraordinária! Eu nasci no dia 13 de setembro de 1938. Há pouco tempo, mamãe tinha lido um romance cristão intitulado "Sidoni e seus últimos dias em Jerusalém". O livro abordava a história de uma mulher que teve que deixar Jerusalém por causa de sua fé em Jesus Cristo. Por causa dessa história, mamãe queria que meu nome fosse "Sidoni", porém, quando o papai Henrique chegou da longa viagem que havia feito para Catuípe, a fim de

registrar-me, mamãe viu que o nome ficou Zidrone.

Ambos conversaram e resolveram deixar assim mesmo, devido à distância do cartório. Porém, a mamãe sempre me chamou de Sidoni. Louvo a Deus pelo nome que me deu.

No dia 1º de setembro de 1939, explodiu a Segunda Guerra Mundial. Meus pais já vinham sofrendo as consequências da Primeira Grande Guerra (1914 – 1918). Agora era ainda pior. Precisavam comprar alimentos no mercado, mas tudo era caro demais e, além disso, faltava, entre outras mercadorias, açúcar, farinha de trigo e o querosene que usávamos nos lampiões. No entanto, em relação ao produto que precisávamos vender, o preço era baixo demais. Além disso, a praga dos gafanhotos devastava tudo pela frente.

No entanto, nada abalava a fé deste gigante. Papai gostava de lembrar a recomendação de Cristo registrada em Mateus 6:25-34 e ressaltava: "Deus sempre cumpre suas promessas de cuidar de seus filhos e nós não devemos nos esquecer de buscá-lo em primeiro lugar, pois a Bíblia afirma: 'Buscai primeiro o reino de Deus e sua justiça e todas essas coisas vos serão acrescentadas'". Que fé, que confiança no Deus que promete es-

tar presente e conceder a vitória ("mas em todas estas coisas somos mais que vencedores", Romanos 8:28)!

Toda manhã, papai pedia a bênção de Deus pelo que deveria ser feito durante o dia e, à noite, no culto doméstico, sempre havia muito o quê agradecer por aquilo que Deus estava fazendo e também pedíamos perdão pelas falhas cometidas.

Em tempos de dificuldades, precisávamos de muita criatividade, principalmente nestes dias de guerra. Fazíamos queijo e manteiga. Estocávamos a carne assada em latas grandes, cobertas com banha e na forma de charque. O querosene, que estava em falta, substituímos pela banha, a qual alimentava o pavio do lampião para fornecer luz. O melado da cana substituíra o açúcar. A farinha de milho servia para fazer pão, polenta, bolos e bolachas. Plantava-se feijão, arroz, mandioca, batatas, legumes e verduras. As árvores frutíferas também foram cultivadas em meio às dificuldades. Víamos a mão de Deus a sustentar nossa família e, ao invés de nos lamentarmos, louvávamos a Deus e Ele nos dava a vitória.

O dia 25 de dezembro de 1940 foi um dia de Natal diferente, pois nasceu Cristiano, seu quarto filho. Foi um Na-



Da esq. para a dir. Naomi, Sibila, Cristiano, Zidrone e Cristiano

tal festivo. Cristiano ainda hoje afirma que seu aniversário é comemorado no mundo inteiro. Que alegria por ter um irmão festeiro! Também quero registrar que, em 1942, nasceu Alberto, prematuramente, que viveu somente 15 dias. Depois, Frieda teve mais dois abortos, sempre provocados pelo excesso de trabalho.

Nesse tempo, nossos pais, Henrique e Frieda, estavam preocupados em arranjar uma escola para seus filhos, pois os dois mais velhos já tinham sete e dez anos, e não havia escola nesse lugar. Os vizinhos reuniram-se e resolveram construir a escola. Enquanto ela não ficava pronta, Naomi e Benjamin foram estudar na Linha Quinze, fazendo o trajeto a cavalo. Quando, porém, a escola ficou pronta, foi uma alegria para toda a comunidade e para as crianças, principalmente para a família Liebich, pois havia três alunos dessa família lá matriculados: Naomi, Benjamin e Zidrone.

Em 15 de novembro de 1946, nasceu Sibila. Ela, ainda recém-nascida, ficou muito doente. Foi um momento de a família exercer a fé e crer nas promessas de Deus. Ele ouviu as nossas orações e ela se restabeleceu. Glória a Deus! Finalmente, a nova moradia estava pronta. Muito bonita. Uma casa grande construída com jardim. Tínhamos muitas vacas de leite, uma boa tropa de gado e um rebanho de ovelhas. Muitas árvores frutíferas e uma carroça para passeio, com um toldo que nos abrigava da chuva e do sol. Era o orgulho dos filhos. Como Deus é fiel! Como duvidar das promessas deste Deus que nunca falha?

Papai pensava em comprar mais terras para angariar fundos. Arrendou uma lavoura de arroz situada em Monte Alvão, uns 10 km distante de onde morava. Mamãe Frieda ficava cuidando das crianças, tirando leite, capinando, tratando dos porcos e cavalos, além de cui-

dar dos deveres domésticos com a ajuda de dona Isolina, nossa empregada. Enquanto isso, papai passava de segunda a sábado com os empregados, homens que trabalhavam na lavoura de arroz. Foi em Monte Alvão que ele conheceu uma fazenda, a qual comprou e, em 1948, se mudou para lá. A casa era, na verdade, um casarão muito antigo. Tinha um galpão grande, campo para criar gado, um pomar com vinte laranjeiras e muito mato.

A moradia ficava bem no alto, com uma vista ampla para o campo, de onde podíamos contemplar a criação de gado das fazendas ao redor. Mas, o maior problema era a água, que precisava ser puxada manualmente de um poço de 24m de profundidade. Ela servia para a lavagem de roupas, bem como para abastecer a casa e os porcos que eram criados confinados.

Nos tempos de estiagem, era preciso trazer água de uma vertente que ficava a 1 km, numa baixada. Ali também foi improvisado um banheiro para tomar banho, um tanque para lavar roupa e um varal para secá-la.

Papai Henrique precisou derrubar mato para plantar feijão, milho e trigo. Ao mesmo tempo, continuou plantando arroz nas terras arrendadas que agora estavam perto, enquanto preparava as terras do banhado, fazendo drenagens para o cultivo de arroz em suas próprias terras.

No meio de tantas atribulações e lutas, nasceu no dia 24 de julho de 1948, Arnaldo, o sétimo filho.

Papai também precisou correr atrás da construção de uma escola na localidade. Até que isso acontecesse, os filhos ficaram praticamente um ano sem escola. Depois que a ela foi construída, os professores ficaram hospedados na casa da família Liebich, até que se encontrou uma professora casada com um agricultor. Então, a comunidade construiu uma

casa no terreno da escola para moradia da família da professora.

Em Monte Alvão, a família Liebich passou a frequentar os cultos uma vez por mês na Capela de Nova Ramada que ficava a uns 20 km.

Benjamin, Cristiano, e eu nos divertíamos nas subidas, porque descíamos e corríamos à frente da carroça, ganhando disparado, mas, na descida, ficávamos longe, para trás, até encontrar outra subida para alcançar a carroça e subir nela de novo.

Em 1950, houve uma Conferência Evangelística com o Pastor Filip Scherrer. Nesses dias eu, Zidrone, Naomi e Benjamin, aceitamos a Jesus Cristo como nosso único e suficiente Salvador. Fomos batizados no mês de março de 1951, no rio Ijuí, pelo Pastor Oskar Horn. Os candidatos eram ao todo trinta e sete, dos quais cinco eram adultos e os demais eram adolescentes da sede e de várias congregações da Igreja Batista de Ijuí.

Deus colocou em meu coração uma firme convicção de que estava me chamando para trabalhar como missionária. Conversei com os meus pais e lhes disse que desejava ir para a cidade de Ijuí, com a finalidade de fazer o colegial e de depois ir para uma Escola de Missões. Falei para eles que tinha como objetivo trabalhar como professora no Orfanato de Tocantins.

Meus pais não concordaram com a ideia e disseram que Deus chamaria outras pessoas que já moravam naquela cidade e tinham melhores oportunidades para se preparem e que, com certeza, eu encontraria muitas crianças aqui mesmo em Monte Alvão – filhos dos agregados das fazendas – para exercer o meu trabalho missionário.

Fiquei muito triste, mas lembrei da recomendação do Apóstolo Paulo em Colossenses 3:20: “Filhos, em tudo obedeci a vossos pais, pois fazê-lo é



Casal Henrique e Frida com seus 9 filhos – 1969

grato diante do Senhor”.

Então orei a Deus: “Senhor, consagro a minha vida toda ao teu serviço, sou menor de idade e a tua palavra ensina que devemos obedecer em tudo aos pais. Desse modo, obedecerei. Toma conta, trabalhe na vida dos meus pais e me orienta como te servir e prepara-me para o que Tu queres, Senhor. Eu creio na tua direção”.

Fui perguntar ao Pastor Oscar Horn, como poderia ensinar as crianças da comunidade. Ele me forneceu um material chamado “Jóias de Cristo” com histórias bíblicas para crianças. Comecei então a praticar, contando histórias bíblicas para as crianças aos domingos à tarde. Mais tarde, fiz um curso bíblico por correspondência pelo Seminário Batista do Recife e só me aceitaram porque confundiram meu nome com uma pessoa do sexo masculino. O envelope onde recebia as lições vinha sempre endereçado ao Sr. Zidrone.

Escrevi para eles informando o erro e, como resposta, me disseram que eu poderia fazer o curso. Entretanto, eu não receberia o diploma, já que o curso era destinado a homens que desejassem ser pastores ou obreiros. Como almejava o conhecimento, aceitei as imposições dessas condições.

Quero registrar a bênção que foi o apoio recebido por parte do Pr. Oscar Horn: empréstimos de livros, aulas particula-

res sobre exegese e Homilética, a arte de preparar sermões e Estudos Bíblicos.

Aos 17 anos, recebi uma incumbência por parte de meu pai Henrique: ensinar os Estudos Bíblicos às quintas feiras à noite, em nossa casa, para os vizinhos. Além disso, eu ainda trabalhava como secretária e líder dos jovens. O Templo da Igreja ficava a 7 km de distância da fazenda, e fui vendo quanto trabalho havia naquele lugar para que eu fosse uma verdadeira missionária.

Em 10 de outubro de 1950, nasceu Odeti, a caçula das mulheres. No ano de 1952, meu pai, e seu vizinho, Matias Wagner, resolveram fazer uma sociedade para fabricar tijolos. A olaria foi montada nas terras do senhor Matias, onde a terra era mais apropriada. A finalidade era fazer tijolos, vender e construir suas casas de alvenaria. O trabalho foi feito com os empregados de ambos e dos filhos mais velhos. Era três de cada lado, tudo muito divertido! As construções foram feitas em 1954 e cada um fez a sua casa. Para Henrique e sua família foi um tempo de muito sacrifício porque, nesse tempo, Benjamin precisou servir o Exército, mas as plantações precisavam de cuidados e a olaria não podia parar.

Então, papai reuniu a família, como sempre fazia, quando tinha que tomar alguma decisão. Dessa vez, a dificuldade era que só daria para pagar os pedreiros

e ele não poderia contratar os serventes. “Como vamos fazer?”, perguntou papai, e ele mesmo respondeu: “Vamos esperar até o próximo ano”. Então eu disse que, se Albertina – que era nossa empregada –, topar trabalhar comigo como servente, vamos dar conta. Então, foi iniciada e terminada a construção.

Neste ano um tanto conturbado, mamãe estava grávida e, no dia 26 de junho, nasceu o filho Roberto.

Em Monte Alvão, havia muita necessidade de uma parteira, pois o hospital era distante e não havia transporte motorizado. Por isso, Frieda era muito solicitada para atender as mulheres da região em seus partos.

Em 24 de outubro de 1954, ela foi fazer o parto de uma moça solteira que havia vindo para a fazenda com o pretexto de trabalhar, mas, na verdade ela queria ter o filho longe da família, dar a criança e voltar como se nada tivesse acontecido.

Um casal de idosos agregados na fazenda Liebich a abrigou em sua casa e queria adotar a criança. Porém, quando o menino nasceu, o casal estava enfermo e disse à ela que estava desistindo da adoção. Mamãe Frieda, além de fazer o parto, ficou dando assistência ao bebê, à mãe e ao casal.

Quando o menino tinha oito dias de vida, a mãe o abandonou, deixando-o com o casal. Quando mamãe chegou para dar assistência, encontrou o casal desesperado.

Então, ela trouxe o menino com ela e, como amamentava seu filho Roberto de quatro meses, passou a amamentar também o menino a quem deu o nome de Astrogildo. Papai notificou ao Juizado de Ijuí e recebeu a guarda provisória da criança.

Em 1956, no dia 9 de julho nasceu Wilson, o caçula da família.

No ano de 1957, Henrique e Frieda comemoraram as bodas de prata – 25 anos

de casados – e, realmente, eles eram um casal exemplar, o qual colheu e espalhou muitas bênçãos em sua existência. Em 1958, Naomi, sua filha mais velha, casou-se com Willi Vandervén.

No dia 24 de maio de 1960, Henrique e Frieda foram à vila de Ajuricaba, como de costume, para fazer compras. Chegando à loja de Norberto Oderman que também resolvia problemas de menores junto à Comarca de Ijuí, este foi logo apresentando três crianças aos meus pais: Jose Clénio, de quatro anos, Lourdes, de dois anos e João Enio, de nove meses. Explicou que as crianças haviam sido abandonadas por agregados de uma fazenda e acrescentou: “você poderiam me ajudar a resolver esse problema?”

“Você, que já tem uma criança, poderiam abrigar mais essas três até que eu encontre os pais, ou arranje outra solução?” Papai lhe respondeu: “Mas eu já estou aguardando há seis anos você encontrarem a mãe do menino que está comigo e até hoje não pode ser registrado”. Contudo, conversando com Frieda, eles resolveram levá-los para o seu lar, pois o amor falou mais alto.

No caminho de volta para casa, o tema da conversa, nesses longos 20 km de carroça, era o problema de tantas

crianças que precisavam de um lar e de que havia necessidade de uma instituição que as abrigasse, cuidasse delas e também pudesse trabalhar com as famílias, pois assim poderiam restaurar muitas vidas e famílias.

Foi aí que Papai Henrique falou: “Frieda, você lembra do que dissemos à Zidrone, quando ela compartilhou conosco o desejo dela de trabalhar no Orfanato Soren em Tocantins, e que nós respondemos a ela que poderia trabalhar aqui mesmo?” Parece-me que Deus está nos pegando pela nossa palavra, mandando o Orfanato para nossa casa.

Naquela noite, no costumeiro culto doméstico, papai Henrique expôs sua preocupação em relação às crianças que já estavam em nossa casa e de tantas outras que precisavam de um lar. Ele concluiu, pedindo que orássemos para que Deus nos mostrasse sua vontade sobre a criação de um orfanato em nossa casa.

Papai Henrique foi se aconselhar com o Pastor Oskar Horn sobre a possibilidade de organizar o orfanato e como fazê-lo. Ele achou louvável a ideia, mas alertou para as dificuldades de conciliar orfanato, família e sustento, e que não poderíamos contar com o auxílio das igrejas da Convenção Batista Pioneira

do Sul do Brasil. Ao que papai Henrique respondeu: “tenho convicção que esta é a vontade de Deus, e só contarei com Ele e com aqueles que Ele mover para sustento desta obra que é Dele”.

O Pastor Oscar Horn escreveu para o Pastor Ricardo Petrowski, que era primo do pai de Frieda, e que havia fundado um Instituto para Cegos no Rio de Janeiro, pedindo informações sobre o processo de registro e de organização de uma instituição beneficente. Também contou sobre o chamado de Zidrone para a obra missionária.

O Pastor Ricardo, com muita dedicação, enviou uma cópia dos Estatutos de Orfanatos da Convenção Batista Brasileira, no Rio de Janeiro, e uma orientação dos passos a seguir para fundar uma organização. Junto com esse material, ele enviou também uma carta para mim, Zidrone, pedindo que eu orasse para ter plena convicção de que Deus estava me orientando para iniciar esta obra junto com os meus pais, pois certamente ela iria envolver toda a família.

Respondi que via claramente a direção divina para a minha vida na fundação desta obra, mas também tínhamos convicção de que somente Deus sabia por quanto tempo o Lar ficaria sobre a direção da nossa família. Até hoje agradeço por esta carta tão amável. Creio ter sido orientada por Deus para uma profunda sondagem da sua soberana vontade. Tive que fazer muitas renúncias em minha vida, ficando até aos quarenta anos de idade no Orfanato. Mas nunca me arrependi por ter obedecido e confiado nos propósitos soberanos de Deus.

No dia 11 de fevereiro de 1961 foi fundado o Orfanato Batista “Henrique Liebich”. A reunião foi dirigida pelo Pastor Oskar Horn, representante credenciado da Primeira Igreja Batista de Ijuí.

Os sócios fundadores foram: Henrique



O brinquedo favorito



Primeiras crianças no orfanato H. Liebich

Liebich, Frieda Liebich, Arnold Reinke, Frieda Reinke, Willy Van der Fee, Naomi Von der Fee, Benjamin Liebich, Elzira Cristina Liebich, Arlindo Cardoso, Albertina Cardoso, Dorvalino dos Santos, Iracema dos Santos, Cristiano Liebich, Zidrone Liebich, Sibila Liebich, Alvine Minikel e Alma Endel.

A primeira diretoria ficou assim constituída: presidente – Henrique Liebich; secretária: Zidrone Liebich; tesoureiro: Willy Vander Fee; conselheiro: Pastor Oskar Horn. Foi aprovado o estatuto e

registrado o Orfanato como pessoa jurídica. Posteriormente, foi elaborado o regimento interno que regulamentaria o funcionamento.

As instalações eram na residência da família Liebich. O Orfanato foi aberto com sete crianças que já estavam no Lar de Henrique, uma desde 1954 e as seis que chegaram no decorrer do ano de 1960. Nesse momento, papai Henrique viu a necessidade de que eu fosse fazer o curso de magistério no Instituto Assis Brasil, em Ijuí, que era gratuito, pois

este município queria formar professores para a zona rural, a fim de, como parte do currículo, ensinar às crianças e às famílias o modo de cultivar hortaliças e árvores frutíferas.

Assim, as crianças, entre os anos de 1961 e 1964, ficaram sob os cuidados de Frieda e de sua filha, Sibila. Em 1961, os internos chegaram a ser dez crianças e, no ano de 1962, já eram vinte e quatro. Em 1963, eram trinta e três, sendo que, em 1964, atingiu-se o número de quarenta e seis crianças. Em 1965, eram



já cinquenta crianças (que era a capacidade máxima da instituição). Para abrigar esse número de crianças, foram ampliadas as instalações. Como a cozinha da casa enorme, foi transformada em dormitório para as crianças pequenas. Também foi construída uma grande área coberta, pegada à casa já existente, onde funcionava o refeitório e outras atividades, principalmente nos dias de chuva.

Também próximo a este recinto, construiu-se uma cozinha menor, duas salas –uma destinada à costura, outra para passar e classificar roupas –, lavanderia, banheiros e um dormitório para os meninos maiores. Na casa, havia seis quartos. No quarto do casal ficavam dois bebês e num foi montado o escritório e os outros quartos eram usados para as meninas maiores e líderes. Graças a uma doação, foi instalada uma bomba no poço para puxar a água para a caixa e distribuí-la para cozinha, os banheiros e a lavanderia. Mais tarde, foi construído um poço artesiano. A família Liebig e o Orfanato funcionavam juntos, formando uma grande família. Meus pais eram chamados de pai e mãe por todos. Na Igreja de Monte Alvão, Henrique era chamado de "Pai Abraão". Todos nós tínhamos obrigações: ir à escola; ajudar nos trabalhos domésticos e na roça cada um de acordo com sua idade e condições. Não faltavam as horas de lazer, esportes e passeios. É claro que também não faltavam as brigas e as correções. Tudo era como uma família comum, só que em dose mais intensa.

É verdade também que os filhos mais novos do casal não tiveram a mesma atenção e relacionamento com os pais do que os mais velhos, porque tiveram que compartilhar seus pais com mais cinquenta. Se era difícil para os filhos, certamente era também para os pais desta grande família.



Caminhão de Henrique – o transporte para a igreja em Monte Alvão

Em 1964, aconteceu minha formatura e, em 1965, assumi a direção do Orfanato e ainda trabalhava como professora na Escola Municipal, aonde as crianças do Orfanato estudavam. Neste ano, Sibila foi para Ijuí, a fim de fazer o colegial e, para se sustentar, trabalhou como doméstica. Quando terminou, continuou em Ijuí para fazer o curso bíblico no Instituto Bíblico da Convenção Batista Pioneiro do Sul do Brasil. Após terminar esse curso, foi para Alemanha continuar seus estudos no Seminário Batista de Hamburgo, a convite da professora Dorothea Novak. Também em 1965, o governo brasileiro oferecia empréstimos aos agricultores, incentivando o plantio de soja em larga escala. Meus pais e meus irmãos, Benjamin e Cristiano, resolveram partir para a agricultura mecanizada, adquirindo tratores, plantadeiras, ceifadeiras e um caminhão.

Com isso, também melhorou o meio de transporte, pois, inicialmente, usávamos o trator com uma carreta para ir à Igreja. Depois, íamos de caminhão, e isso era uma festa para as crianças, porque cantávamos na ida e na volta. Muitos vizinhos também iam à Igreja conosco.

Também descobrimos que os sacos nos quais vinha o adubo, eram de tecido muito bom. Então, alvejávamos esses sacos e tingíamos o pano para transformá-lo em vestidos, camisas, bermudas, forro de cama, toalhas e até mochilas para as crianças irem à escola. Os agricultores da redondeza, sabendo disso, doavam os sacos do adubo que usavam para o Orfanato. Os pneus velhos viraram os brinquedos preferidos das crianças. Por causa de, o Orfanato estar em nossa casa e dirigido por nosso pai, como presidente, não fazíamos nenhum tipo de campanha para angariar fundos. Todas as doações eram por iniciativa dos próprios doadores. Nós confiávamos em Deus e em suas promessas para sustentar a obra (Salmos 10:14), e Ele foi dando os recursos à nossa família e despertando outras pessoas a nos ajudar, fazendo trabalhos voluntários, doando mantimentos, roupas, brinquedos, material escolar ou fazendo visitas ao Lar. Uma visita preciosa nos primeiros anos do Orfanato era a do Padre Afonso Pároco, em Ajuricaba. Ele gostava de conversar com papai sobre a sua fé e foi o primeiro a fazer campanhas em

suas missas aos paroquianos: Dizia ele: "Vocês querem conhecer a verdadeira religião pura e sem mácula diante de Deus Pai? Vão visitar o orfanato Henrique Liebig", citando Tiago 1:27. Isso moveu caravanas de muitos paroquianos que vinham passar um dia no Orfanato trazendo muita alegria através de jogos, brincadeiras e mantimentos. Uma divulgadora fervorosa que surgiu após o ano de 1964 era Maria Berta, a Tia Mimi, como gostava de ser chamada. Era esposa do Pastor Ditmar Junge, que veio da Alemanha para pastorear a Igreja Batista de Ijuí. Ele foi o Conselheiro do Orfanato e ela se tornou uma líder exemplar no trabalho feminino da Igreja, como também da União Feminina das Igrejas Batistas da Pioneira, incentivando esta União a sustentar a missionária Eli Hepner no trabalho do Orfanato.

O grupo de Mulheres Cristãs em Ação de cada Igreja, ia adotar uma ou mais crianças para ajudá-las com objetos de uso pessoal, lembrando delas nos seus aniversários, no Natal e em suas orações, visitá-las e convidá-los para as férias. O grupo de Mulheres Cristãs em Ação da Igreja de Candeia (RS) não se limitou somente a estas tarefas, mas convidou todas as crianças para um acampamento com elas. O mesmo fez a O grupo de Mulheres Cristãs em Ação da Igreja Conde de Porto Alegre (RS), o qual levou as crianças e monitoras para passearem com elas na Praia de Guaiaba, em Guaiaba (RS), na casa dos irmãos Ela e Werner Kulle.

Mime se tornou minha grande amiga, confidente e companheira de oração, sempre me hospedava por uns dias em sua casa, todas as vezes que eu precisava de um refrigerio, ou mesmo quando precisei me recuperar de uma cirurgia. Jutta Sper e seu esposo me proporcionaram maravilhosas férias em sua casa por várias vezes. Em 1967, mãe Frieda estava passando por um

período difícil em sua saúde. Então, o casal resolveu morar na casa ao lado com os dois filhos menores e eu precisei deixar o trabalho na escola para ficar somente no Orfanato. O sonho de uma sede própria para o Orfanato parecia impossível, mas não parávamos de pedir a Deus. Ele sabia onde estavam os recursos e onde seria a futura sede. Nós ficamos firmes na promessa de Jesus (Marcos 9:23). Tudo é possível ao que crê.

Em 1969, o Pastor Horst e Bertraund Borkowski vieram ao Brasil e à Argentina. Ele veio para fazer conferências evangelísticas nas Igrejas de fala alemã e ela para visitar os grupos de mulheres e auxiliá-las com treinamentos. Vindo a Ijuí para um encontro de senhoras – onde ela foi preleitora –, Tia Mimi falou-lhe sobre o orfanato Liebig e também a acompanhou para uma visita. Ela contou a seu marido sobre o Orfanato e ambos ficaram comovidos com essa obra. Voltando para Alemanha, começaram a fazer uma campanha para ajudar a trazer energia elétrica para o Orfanato. No ano de 1971, Henrique e seus filhos, Cristiano e Benjamin, foram conhecer as terras em Mato Grosso do Sul e voltaram entusiasmados, pois elas eram baratas e boas para o plantio mecanizado, já que eram planas.

Henrique fazia planos. Como o preço das terras preço pelo qual venderia as terras de Monte Alvão, daria para comprar muitas terras e destinar alguns hectares para o Orfanato. Mas Deus tinha pensamentos e caminhos diferentes, "mais altos", como Ele diz em Isaías 55:8 e 9. No ano de 1972, Henrique descobriu que estava com câncer no intestino. Naquele ano, a colheita de soja não deu nem para as despesas. O médico disse que ele deveria ir à São Paulo para fazer uma cirurgia e o tratamento, pois lá os recursos seriam melhores.

Porém, o seu convênio médico era com o Sindicato Rural do Rio Grande do Sul e só atendia pela Santa Casa de Misericórdia em Porto Alegre.

Em novembro, fui com ele para Porto Alegre. Chegando ao hospital, a internação só poderia ser feita na enfermaria com outros dez pacientes. Em lágrimas, eu disse: "Papai, como eu gostaria de ficar com você em um apartamento. Abraçando-me ele me falou: "Filha, fique tranquila". Deus está aqui. Ele fará a sua vontade, se ele me quiser curar, o fará, não depende das circunstâncias. Além do mais, eu não sou melhor do que esses meus companheiros que estão aqui. O plano de Deus é perfeito". E citou o Salmos 18:30: "O caminho de Deus é perfeito, a Palavra do Senhor é provada: Ele é escudo para todos os que nele confiam." E, com um olhar de autoridade do diácono que era, falou: "Fique na casa de sua tia, seja uma bênção para ela e seus primos. Aproveite para visitar os enfermos deste hospital, enquanto os enfermeiros cuidam de mim. E, antes de eu deixá-lo ali naquele leito daquela enfermaria, ele orou por mim, pela mamãe, pelos filhos e pelas crianças do Orfanato e, juntos, citamos o Salmos 23, o seu Salmo preferido.

Na saída, passei pela direção da Santa Casa e falei do meu desejo de ser útil, fazendo visita aos enfermos daquela instituição, enquanto meu pai estivesse internado. Então, como acharam a idéia louvável, recebi um crachá de voluntária, e podia circular livremente pelas enfermarias, levando consolo para tantos que não tinham ninguém para visitá-los e muitos receberam também a Cristo como Seu Salvador pessoal.

Foi uma bênção o Ministério de Voluntária na Santa Casa. Eu passava o dia inteiro no hospital e, na hora da visita, ia ficar com papai. E ele queria um relatório minucioso da minha missão no hos-

pital. Também compartilhava comigo suas experiências na enfermaria. Nunca se queixava e sempre agradecia a Deus por tantas bênçãos recebidas durante sua vida e por estas da sua enfermidade. Em suas orações, fazia suas as palavras de Davi nos Salmos 18:1-3. "Eu te amo, ó Senhor força minha. O Senhor é a minha rocha, a minha cidadela, o meu Deus, o meu rochedo em quem me refugio; o meu escudo, a força da minha salvação, o meu baluarte. Invoco o Senhor, digno de ser louvado!" Falando com a equipe médica que o operou, ela me informou que o caso dele não tinha mais solução do ponto de vista da medicina. Por isso, para curá-lo, "só um milagre", pois o câncer já estava espalhado e estimavam uns seis meses de vida.

Uma semana antes do Natal, papai teve alta do hospital, mas teria que continuar em Porto Alegre. Então, ficou na casa da tia Rosa, irmã dele, e eu voltei para o trabalho do Orfanato, sendo que mamãe foi passar o Natal com ele. Ela voltou com a notícia de que papai teria alta para vir para casa em breve, e que a tia telefonaria para nos dizer quando deveríamos ir buscá-lo de carro. Mas papai resolveu fazer uma surpresa. Numa manhã, bem cedinho, chegou ele com sua maleta. Imaginem! Ele havia viajado mais de 400 km, tomando um ônibus para Ijuí e outro até Monte Alvão, desembarcou no ponto mais próximo de sua casa que ficava a 7 km este trecho. Andou de trator em pé, porque não podia sentar-se, pois a cirurgia ainda estava aberta. Esta aventura foi em janeiro de 1973.

Graças a Deus, a cirurgia fechou, mas outras complicações começaram a surgir e outras foram aparecendo. O médico Lauro Ivo Resler de Ajuricaba, que prestou assistência médica às crianças do Orfanato com muita dedicação no período de 1970 a 1975, também ajudou muito

o meu pai, mantenedor da obra.

Em março de 1973, Henrique convocou uma Assembleia da Sociedade para discutir sobre o futuro do Orfanato. A reunião foi dirigida pelo Pastor Oskar Horn, pois era o pastor interino da Igreja Batista de Monte Alvão, da qual era representante. Ele já havia dirigido, a pedido de Henrique, a Assembleia de fundação, e agora estava presente na Assembleia, a qual visava buscar uma solução para a continuidade do Orfanato.

Foi uma reunião carregada de orações, lágrimas e emoções que pairavam na atmosfera e em todos os presentes como um grito de socorro. Nessa ocasião, Henrique, naquela calma que lhe era peculiar em momentos de crise, começou a falar: Agradeço a Deus por ter sustentado a mim, à minha família e às crianças abrigadas em meu lar desde 1954, quando recebemos o primeiro menino.

Agradeceu aos filhos pelo apoio e pelo espaço dividido no seu lar com tantas crianças e pelo respeito que tiveram com a decisão de seus pais em manter financeiramente o Orfanato.

Disse ele: "Sou grato aos sócios que sempre estiveram ao meu lado nas horas precisas e decisivas. Agradeço aos pastores: Pastor Oskar Horn pelos conselhos, advertências, orientações, assistência espiritual e seu ombro amigo. Ao pastor Ditmar Junge e sua esposa Mimi, pelo seu amor prático e presente, estimulando, consolando, valorizando e divulgando o trabalho. Ao Pastor Manfred Grelet, pela admiração, visão e encorajamento para o trabalho social. Ao Pastor Joel e sua esposa Ely Lopes, pelo auxílio na integração do Orfanato com a Igreja. Ao Pastor Juracy e sua esposa Nery, pela assistência espiritual às crianças".

Quanto à continuidade do trabalho, confio no Senhor. Ele é o socorro das crianças e levantará pessoas para sustentar esta obra que obra foi iniciada

por Ele e continuará através de pessoas fiéis que servem ao Senhor. Confio plenamente que, quando Deus abre uma porta, ninguém fecha e confio na fidelidade do Senhor.

Então pela fé foi decidido encaminhar a Junta de Serviço Social o pedido para que a Convenção Batista Pioneira do Sul do Brasil na Assembléia a ser realizada no mês de maio de 1973 estudasse a possibilidade de assumir o Orfanato, sendo que a família Liebich se comprometeria doar um terreno mais o dinheiro recebido da Alemanha pró energia elétrica em Monte Alvão. Também a família se comprometeria a continuar mantendo o Orfanato até que a Convenção Pioneira tivesse uma estrutura para abrigar todas as crianças.

Na mesma semana, fui conversar com o casal, o Pastor Ditmar e Mimi Junge, sobre esta decisão. Tia Mimi logo disse que a Convenção não teria condições de fazer aquilo, a não ser que houvesse uma ajuda da Alemanha. Nesse mesmo instante, ela disse: "Vou escrever para o Pastor Horst Borkonski, pois a esposa dele conheceu o Orfanato, relatou ao esposo e ambos ficaram comovidos com esse trabalho. Se eles souberem da enfermidade de Henrique, com certeza farão algo" Ela disse para o Pastor Ditmar: "Fique orando com a Zidrone eu vou escrever para colocar essa carta ainda hoje no correio. Tenho certeza de que, quando a carta chegar às suas mãos, ele saberá quem tem o dinheiro para investir, pois ele sabe quem são as pessoas amigas que têm amor por Deus e pelas pessoas que precisam de ajuda". Assim aconteceu. O Pastor Borkowski recebeu o patrocínio para a viagem e a promessa de sustentar o Orfanato, enquanto as Igrejas da Alemanha e as do Brasil se mobilizassem para construir um lar para essas crianças; Com essa promessa, ele veio ao Brasil participar da Assembleia da Conven-



Pastor Horst e Bertraund Borkowski

ção Batista Pioneira, que aconteceu entre os dias 11 e 15 de abril de 1973. Henrique ainda pôde comemorar a chegada deles com um churrasco e muitos amigos e parentes. Em abril, ele precisou ser internado no Hospital de Ajuricaba e apareceram tumores em suas costas e pediu ao Dr. Lauro que os removesse. O médico lhe explicou que o sofrimento ainda seria maior com as feridas abertas. Então, ele queria que o médico que o havia encaminhado para Porto Alegre viesse de Ijuí, para saber sua opinião.

Esse médico conversou longamente com ele, dizendo que, pelo que conhecia a seu respeito, era um homem de fé, preparado para a vida eterna com Deus. Afirmou para ele que a enfermidade estava num estado em que não havia mais nada a fazer. Ele disse: "Nós, como médicos, podemos somente amenizar sua dor". Ele então perguntou quanto tempo de vida ainda tinha. O médico riu e disse: "O senhor sabe que isso somente pertence a Deus, pode ser uma semana, um mês ou anos. Depende da vontade Dele". E conversaram ainda sobre a salvação em Cristo e a direção divina.

Depois da saída do Dr. Milton, Henrique falou com Dr. Lauro que desejava de março de 1973. Henrique ainda pôde comemorar a chegada deles com um churrasco e muitos amigos e parentes. Em abril, ele precisou ser internado no Hospital de Ajuricaba e apareceram tumores em suas costas e pediu ao Dr. Lauro que os removesse. O médico lhe explicou que o sofrimento ainda seria maior com as feridas abertas. Então, ele queria que o médico que o havia encaminhado para Porto Alegre viesse de Ijuí, para saber sua opinião.

de março de 1973.

Esse médico conversou longamente com ele, dizendo que, pelo que conhecia a seu respeito, era um homem de fé, preparado para a vida eterna com Deus. Afirmou para ele que a enfermidade estava num estado em que não havia mais nada a fazer. Ele disse: "Nós, como médicos, podemos somente amenizar sua dor". Ele então perguntou quanto tempo de vida ainda tinha. O médico riu e disse: "O senhor sabe que isso somente pertence a Deus, pode ser uma semana, um mês ou anos. Depende da vontade Dele". E conversaram ainda sobre a salvação em Cristo e a direção divina. Depois da saída do Dr. Milton, Henrique falou com Dr. Lauro que desejava

morrer em sua casa e que iria naquele dia mesmo.

Ao chegar em casa, disse que queria falar com cada filho, junto com Frieda e, no outro dia, continuou a falar com cada um dos internos do Orfanato. Reuniu a família e passou a Benjamin a responsabilidade de cuidar do inventário e dos negócios financeiros, informando os detalhes que precisavam ser acertados. Recomendou que devíamos sempre primar pela paz e pela harmonia, seguindo os princípios da Palavra de Deus. Papai recebeu muitas visitas e só queria tomar os calmantes para dor à noite, pois desejava estar lúcido durante o dia. Pedia sempre que cantássemos hinos do Hinário do Cantor Cristão e lêssemos, como sempre, a Bíblia Sagrada. Na véspera do dia da sua morte, levantou-se e, amparado, foi até a janela. Olhando para o céu disse: "Obrigado, Senhor por tudo que me deste nesta vida. Que segurança, que fidelidade!" Papai era verdadeiramente um servo do Deus Altíssimo, um exemplo para nossas vidas.

Ele havia pedido que buscássemos sua filha e seu genro, que moravam em Planalto (PR). E ele perguntava a toda hora se já haviam chegado. Quando



Sepultamento de Henrique – 09/05/1973

eles chegaram de madrugada, falou com eles e assim essa foi sua última semana e seu último dia.

No dia 8 de maio de 1973, às 6.00 horas, com sessenta e um anos, tombou este herói da fé. Foi ao encontro do Deus que ele tanto amou e obedeceu neste mundo. "Bom e fiel este servo, sob o pouco foste fiel, sob o muito te colocarei. Entra no gozo do teu Senhor". Papai entrou na glória celestial. Se estivesse vivo neste dia 21 de agosto de 2011, comemoraria o seu centenário. Nós podemos afirmar como a Bíblia fala de Enoque: "Andou Henrique com Deus e já não está aqui, porque Deus o tomou para si".

Muita gente veio se despedir de papai. O sepultamento foi no dia 9 de maio de 1973 e chovia muito. A própria natureza chorava pela partida deste homem, que a tantos abençoou, mas acredito que havia festa no céu. A cerimônia

fúnebre foi dirigida pelo Pastor Renato Sales que, em sua mensagem, usou o texto do Apocalipse 14:13.: "Bem-aventurados os mortos que desde agora morrem no Senhor. Sim, diz o Espírito para que descansem dos seus trabalhos e as suas obras os sigam." Este texto também foi gravado na lápide dos túmulos do casal Henrique e Frieda no cemitério em Monte Alvão, município de Ajuricaba, onde também foi sepultado seu filho Arnaldo que morreu em 1980.

Henrique e Frieda tiveram nove filhos: quatro mulheres e cinco homens, 22 netos e 34 bisnetos. O número de crianças abrigadas em seu lar de 1954 a 1975 foi de noventa e oito. Frieda viveu vinte e nove anos como viúva e faleceu aos 89 anos (oitenta e nove anos), no dia 14 de Outubro de 2002, tendo visto todos os filhos casados e conhecido todos os netos e mui-

tos bisnetos

Podemos ver as maravilhas que Deus fez para o Orfanato. Em 1974, fui convidada pelo Pastor Horst Borkowski para ir à Alemanha participar da Assembleia da Convenção Batista da Alemanha, onde foi criada a Ação Missionária para a América do Sul (MASA), da qual o Pastor H. Borkowski foi instituído presidente. Foi autorizada a campanha para a construção da sede própria do Orfanato.

O Pastor H. Borkowski era um homem de grande visão, de amor a Deus e às pessoas necessitadas. Consciente da missão grandiosa e urgente que estava sob a sua responsabilidade de conduzir a "Ação Missionária para a América do Sul", viu na construção do Lar da Criança "Henrique Liebich", uma porta aberta para a primeira ação missionária.

Para executá-la, transformou sua casa em escritório, organizou sua grande equipe de voluntários da Igreja Batista em Disseldorf, da qual era pastor, para preparar e enviar material para a campanha.

Sua esposa, Bertraud, junto à União Feminina das Igrejas Batistas da Alemanha, se tornaram grandes aliadas da campanha em suas Igrejas. O Pastor Borkowski, em seu desafio, falava sobre papai Henrique que ele não sabia ler e nem escrever, mas sabia ler a angústia e a dor das crianças abandonadas, sem recursos e órfãs.

Eu participei nos primeiros seis meses, de maio a outubro de 1974, viajando pela Alemanha, visitando igrejas, instituições de idosos, encontros regionais de senhoras e pude ver milhares de pessoas se envolvendo na construção e no sustento das crianças através de apadrinhamento.

Na casa dos Borkowski, o telefone não parava de tocar. Eram pessoas querendo aderir à campanha. Um verdadeiro milagre: era Deus levantando um gran-



de exército de pessoas para sustentar, não só a ação de socorro ao Orfanato Liebich, mas outros lares no Brasil, Argentina, Peru e Chile, bem como o sustento de missionários em campos missionários na América do Sul e funcionários nos lares de crianças.

A construção do Lar da Criança Henrique Liebich durou de 1975 a 1978 quando, no dia 19 de novembro de 1978, foi inaugurada a linda aldeia com nove casas-lares, sede administrativa, parque de lazer, quadra esportiva, horta e pomar com capacidade de receber cem crianças.

Trabalhei no Lar da Criança em Ijuí, como diretora, até março de 1979, seguindo para Atibaia (SP), onde fiz o Curso Básico de um ano no Instituto Palavra da Vida. Ao término deste ano, fui para São Paulo, onde estudei Educação Cristã no Seminário Batista Regular e durante um ano, Missões Judaicas com a Missão Brasileira Messiânica. Fiz o Curso de Liderança da APEC e fui trabalhar como Missionária da APEC em convênio com a MASA até dezembro de 1985, quando me casei com o Pastor Reginaldo Pires Moreira. Fui trabalhar na Congregação Batista de Getúlio Vargas e trabalha-



Adolescentes do Lar da Criança Liebich visitando a construção da 1ª Casa-Lar

Pastor Borkowski diante da placa inaugural do Lar da Criança Henrique Liebich



mos juntos até hoje. Minha irmã, Sibila Geiger, e seu esposo, Werner Geiger, ficaram no Lar da Criança até 1981 e assumiram o trabalho missionário em Maravilha (SC), depois em Águas de Chapecó e Planalto Alegre onde estão residindo atualmente.

A graça e o imenso amor de Deus que iniciou o Lar da Criança com a família de Henrique e Frieda Liebich, continuam estimulando pessoas para dar continuidade a esta grandiosa obra que, no dia 11 de fevereiro de 2011, completou cinquenta anos de existência. E isso porque Deus é o Senhor da História e, através dela, reflete sua misericórdia. Por isso, devemos louvá-lo, agora e em toda eternidade, com as palavras registradas no Apocalipse 4:11: "Tu és digno, Senhor e Deus nosso, de receber a glória, a honra e o poder, porque todas as coisas tu criaste, sim, por causa da Tua vontade vieram a existir e foram criadas."

E como será bom estar à direita do Supremo Senhor naquele grande dia do julgamento e ouvi-lo dizer: "Vinde benditos de meu Pai! Entrai na posse do reino que vos está preparado desde a fundação do mundo. Porque tive fome, e me deste de comer, tive sede, e me destes de beber, era forasteiro e me hospedastes, estava nu e me vestistes, enfermo e me visitastes, preso e fostes ver-me!... Em verdade vos afirmo que, sempre que o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes". (Mateus 25:31-46)

Esta palavra do Senhor Jesus é uma promessa de que Deus há de recompensar a cada um que, em obediência a Deus, participa na obra de amor ao próximo onde e como Ele mandar. A obra continua sendo urgente e é imperdoável não ouvir o clamor desses milhões de crianças carentes, espalhadas pela face da Terra.

Sigamos o exemplo do casal Henrique e Frieda Liebich e de seus filhos, aju-

dando as pessoas ao nosso redor.

Sou imensamente grata a Deus por tantas pessoas na Alemanha que, com suas orações e ofertas, levantaram recursos para tornar a sede própria do Lar da Criança uma realidade. Também agradeço à Convenção Batista Pioneira do Sul do Brasil, pelo apoio dado, recebendo o lar como

entidade da Sociedade Beneficência Tabea. Sou grata também a Deus, pelas pessoas que ainda hoje investem no sustento das crianças e por aquelas que dedicam suas vidas dando carinho, cuidado e amor a estes pequeninos dia e noite no Lar da Criança "Henrique Liebich".

Tenho gratidão a Deus por meus pais que compreenderam o plano divino, acreditaram e se deixaram usar para que esta obra assistencial viesse a existir. Também agradeço à vida de meus irmãos, Benjamin Liebich, Naomi Vandervén e Sibila Geiger, que respeitaram a vontade de nossos pais, se sujeitaram a muitas privações, cooperando com o trabalho de diversas maneiras, tendo se tornado também fundadores do projeto, para que este grande sonho se tornasse a realidade que é hoje: o "Lar da Criança Henrique Liebich". Também não posso esquecer de agradecer a Arnaldo (in memoriam), Odeti, Roberto e Vilson, que eram menores e cresceram nessa grande família, repartindo o colo, a atenção dos pais e participando de várias obrigações familiares, junto aos irmãos que se amavam sem distinção. Deus recompensará a cada um, segundo o amor que tenham por Jesus Cris-



to, Nosso Senhor e Salvador.

Que linda história de fé, norteadas pela esperança e por um tão grande amor é a história de meus pais! Uma história que mostra a fidelidade de um Deus que promete em sua Santa Palavra (I João 5, 14-15). E esta é a confiança que temos Nele, que se pedirmos alguma coisa segundo a Sua vontade, Ele nos ouve. E, se sabemos que nos ouve em tudo o que pedimos, sabemos que já alcançamos as coisas que Lhe temos pedido. Precisamos nos conscientizar de que Deus quer sempre o melhor para nós. Se crermos nisso, ele responderá às nossas orações. "E tudo quanto pedirdes em meu nome, eu o farei, para que o Pai seja glorificado no Filho. Se me pedirdes alguma coisa em meu nome, eu a farei" (João 14:13-14). Essa também é uma promessa "tão tremenda", que muitos simplesmente não conseguem acreditar nela. Mas, como alguém já disse: "Deus nunca deixa de cumprir suas promessas". Louvo a Deus pela confiança dos meus pais neste Deus que também é o meu Deus, que abençoou nossas vidas através deste casal maravilhoso chamado Henrique e Frieda Liebich.

A Deus, toda glória por esta linda história de fé, esperança e amor.









Testemunhos dos filhos



Odeti Santos

Como me lembro do meu pai! Ele me ensinava com insistência sobre o que era certo e o que era errado. Ele era um homem justo, sincero, temente a Deus e, além de tudo, um homem de fé que amava realmente a Deus. Trago marcas profundas em minha vida do seu amor a Deus e da fé que ele tinha no Deus dos milagres.

Fico pensando sobre sua grande dificuldade de cantar, mas pareço ouvi-lo ainda hoje, assobiando com alegria os hinos do cantor cristão, enquanto trabalhava. O hino preferido dele era o de número 386, denominado "Cristo, meu deleite". A primeira estrofe diz: "Há se eu tivesse mil vozes para o Brasil encher, com os louvores de Cristo, que singular prazer!"

No leito de dor, nos últimos dias de sua vida, pedia que cantássemos o hino de número 343, chamado "Sempre firmes". A primeira estrofe diz: "Minha morada, Jesus assegura. Paz e conforto na luta feroz. Dá-me teu braço, transporta-me à altura, onde poderei escutar tua voz".

Agradeço muito a Deus e aos meus pais, Henrique e Frieda Liebich, pelo seu exemplo de fé, obediência e submissão a Ele. Tenho certeza que um dia nos encontraremos na glória e louvaremos a este Deus, que foi fiel em suas promessas aos meus pais. Com saudades.



Cristiano Liebich



Roberto Liebich



Benjamin Liebich

E com satisfação e orgulho que venho falar da pessoa de meu pai. Um homem sério, íntegro, decidido e de boa conduta. Meio rude, com pouco estudo, mas com um enorme coração. Com meu pai, aprendi a trabalhar duro desde muito cedo. Ele era bem rígido na educação de seus filhos, principalmente com os mais velhos, como eu, que sofreram bastante. Mas, passados todos esses anos, e vendo a juventude atual, penso que foi melhor assim. A bondade de meu pai refletiu-se, principalmente, quando apareceram as primeiras crianças carentes e ele as acolheu, sem pensar duas vezes... o resto, vocês já sabem... hehehe. Com saudade.

Meu pai era um homem de fé, justo nos negócios, trabalhador, fiel a Deus e dizimista. Batalhador, alguém que confiava fielmente nas promessas de Deus, que nunca desanimava em meio às dificuldades e que sempre tinha uma palavra de esperança e fé de que Deus sempre é fiel. Um homem amoroso. Papai não media esforço para trabalhar para Deus, um homem verdadeiramente trabalhador. Levava com alegria as crianças para os cultos. Quando tinha evangelização, empenhava-se para convidar as pessoas para ouvirem sobre Cristo. Oferecia o caminhão para levá-las e buscá-las durante os dias de evangelização. Verdadeiramente, meu pai era um grande evangelista. Desprende-se de suas propriedades, visando o bem das crianças do Lar. Fez muita falta quando morreu, pois eu o considerava um líder de sucesso. Um casal exemplar, nunca vi meus pais brigarem, pois sempre sabiam resolver os seus problemas de maneira digna, não criando embaraços para os filhos. Mesmo na hora da morte, meu pai nos chamou, um a um, e teve uma conversa de alguém que realmente sabia para onde iria. Ele nos disse que Jesus era seu Salvador, que estava preocupado com a nossa situação espiritual e gastou quase uma hora com cada um de nós. Meu pai, um homem exemplar. Com grande saudade.

Admirava o caráter, a lealdade e a palavra de meu pai. Quando ele dizia, podia-se acreditar e confiar. Um homem que ajudava as pessoas. Um homem que tinha amor pelas pessoas, um exemplo de dedicação aos filhos, exemplo de fé, de coragem, de entusiasmo. Meu pai e minha mãe formavam um casal exemplar, fiéis, dedicados e consagrados. Eles acreditavam que, operando Deus, quem os impediria? Acreditavam também na fidelidade do Deus, o qual prometeu que, mesmo quando fôssemos infiéis, Ele permaneceria fiel. Que entusiasmo eu via nesse casal! Minha mãe orou para que Deus salvasse Arnaldo e meu pai pregou Deus, honrou a palavra e Arnaldo se salvou. Que mulher extraordinária, minha mãe Frieda! Meus pais tinham o dom da hospitalidade. Eles recebiam com carinho os pastores e meu pai era amigo deles. O que mais dizer? Tudo que eu disser será pequeno, diante da grandiosidade deste homem e desta mulher. Então, quero agradecer a Deus pela bênção de ter sido filho deste casal maravilhoso. Quantas saudades!

Benjamin Liebich



Sibila Geiger

Na minha infância e adolescência, foi de um valor imenso ter pais que souberam colocar limites bem claros para nós, filhos, e, quando desobedecíamos, a correção não falhava. Porém, o que me marcou profundamente, não foi a repreensão, principalmente de papai, mas o fato de que, depois de um castigo, não mais se falava do assunto e isto me dava a certeza de que eu tinha sido perdoada. Papai e mamãe deixaram para mim um exemplo muito forte de amor e respeito entre o casal. Não me lembro dos dois discutindo ou repreendendo um ao outro na presença dos filhos. Papai não sabia ler nem escrever, mas foi usado no seu ministério como diácono. Com a sabedoria vinda do alto, ele tinha palavras de orientação para as pessoas necessitadas de ajuda. Mamãe era aquela que dirigia as devocionais no lar. Fazia a Escola Bíblica Dominical em nossa casa aos domingos pela manhã com a participação de vizinhos; parentes e amigos. Grande era a alegria de todos quando, um domingo por mês, chegava o pastor Oscar Horn com seu carro Ford 29, vindo da Igreja de Ijuí, há 50 km! Mais tarde, quando se construiu a capela em Monte Alvão, era triste quando chovia e não podíamos ir à Escola Bíblica Dominical e ao culto, por causa das estradas lamacentas. No início, fomos de carroça e a cavalo e, mais tarde, de trator e carreta. Quando nossos pais puderam adquirir um caminhão, sentimos conforto na mudança, porém, mais importante que o meio de transporte, era o desejo e a alegria de poder levar a grande família Liebich, e todos os vizinhos que quisessem ir, à casa de Deus para louvá-lo. Vi na prática com meus pais, o que é buscar em primeiro lugar a Deus e às suas coisas, pois, dificilmente ficava alguém em casa no dia de culto para preparar o almoço, o que se fazia no dia anterior ou ao regressar da programação. É com gratidão que me lembro destas e de tantas outras lições preciosas que aprendi com meus pais, enquanto eles puderam estar em nosso meio. Restam saudades!



Naomi van der Vem

Bom ter a oportunidade de testemunhar sobre o meu pai, Henrique, e minha saudosa mãe, Frieda Liebich. Meu pai era um homem bastante severo quanto aos negócios, gostava de tudo certo, ensinava a honestidade, a lealdade e a fidelidade, o que também se aplicava ao relacionamento familiar. Ele exigia que os filhos fossem obedientes e respeitassem um ao outro. Meu relacionamento com mamãe era mais próximo, pois trabalhávamos juntas nas lidas diárias da casa e também na roça. Enfim, estávamos sempre próximas e sempre vi em mamãe uma mulher fiel a Deus e à família. Ela era a mulher da Bíblia, a mãe que a lia a Bíblia para os filhos e também para papai. Hoje, ao testemunhar a respeito deles, fica minha gratidão e saudade, por tudo que representaram em minha vida.



Vilson Liebich

Quero registrar meu orgulho pelo pai e a mãe que tive. Meu pai realmente era um homem abençoado por Deus, ele tinha plena confiança de que Ele ouvia suas orações e nunca se intimidava diante dos problemas que surgiam. Deus era o seu socorro, bem presente nas horas de tribulações.

Acredito também que o sucesso do meu pai pode se creditar à honrada esposa que ele tinha, pois minha mãe, Frieda, era uma mulher de oração, submissa a Deus e a meu pai, um exemplo de amor e abnegação.

Admirava ver minha mãe com a Bíblia aberta, lendo para papai e meus irmãos. Uma mulher de grande fé, mas, além disso, uma mulher para toda obra e que trabalhava todo dia para o sucesso da família.

Meu pai foi um homem que venceu a morte, não se intimidando diante dela. Nos seus últimos dias, chamou os vizinhos para falar-lhes de Cristo e da esperança da vida eterna. Aos filhos, fez várias recomendações. Aconselhou que eu ouvisse os meus irmãos mais velhos, porque eles tinham interesse em minha vida. Se eu tivesse escutado este conselho de meu pai, os meus dias hoje seriam de mais felicidade e vitória. Por que não o escutei?

Hoje, resta a saudade deste homem e desta mulher, que marcaram nossas vidas pelo amor que tinham a Deus e ao próximo. Com saudades.





Conselho Editorial:

Editor Chefe : Dr. Reginaldo Pires Moreira

Todos os direitos reservados por: Zidrone Liebich Moreira – e-mail: zidrone.

moreira@gmail.com – Endereço: Caixa Postal, 42 – Cep. 18620-000 –

Anhembi – São Paulo – Fone: 014.81752278

Proibido reprodução deste material sem permissão.

Próximo lançamento – Livro sobre a História do Lar da Criança Henrique

Liebich – previsão de lançamento 2012.

